

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO AZULEJO PUBLICITÁRIO*

Sandra Araújo de Amorim **

A arquitectura portuguesa passou a contar, desde os meados do século XIX, com a presença do azulejo como animador e protector das fachadas. Divulgaram-se os revestimentos integrais ou parciais - que pela repetição de padrões formam tapetes - e, mais tarde, os painéis e barras que decoram áreas delimitadas ou pequenas superfícies das frontarias. Da variedade de cores, de padrões, de brilhos, de figurações e ornatos resultam composições magníficas que transformam o cenário urbano. A azulejaria combina-se com as cantarias e serralharia artística, integrando-se, em muitos dos casos, de forma notável nos edifícios¹ e funcionando como elemento estruturante da arquitectura.

Com a sua vocação decorativa e funcional, o azulejo acompanhou a proliferação dos estabelecimentos comerciais a partir de meados de Oitocentos². As primeiras experiências da utilização publicitária do azulejo compreendem os painéis para revestimento de fachadas. O recurso a esta azulejaria feita de encomenda, e pintada à mão (em vez de estampilhada), foi, nos inícios, escasso, pelos custos que acarretava e pela falta de pintores ceramistas para executarem esse tipo de obras³.

Dentro desta produção individualizada, "que procurava continuar as tradições do azulejo artístico e aristocrático dos séculos anteriores"⁴ destacam-se as obras de Luís Ferreira (conhecido por "Ferreira das Tabuletas"⁵),

* Este texto é a versão desenvolvida da comunicação apresentada a 20 de Novembro de 1998 no *I Encontro Património em Movimento*, organizado pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

** *Escola Profissional de Esposende*.

¹ O que não impediu a existência de uma "revoada de aplicações desajustadas de azulejo à arquitectura", resultado da ausência de critérios de aplicação, já que "na maior parte dos casos, os prédios eram revestidos ao sabor das rivalidades, vizinhanças e vontade dos proprietários" - cf. PINTO, Luís Fernandes - *Azulejo e arquitectura. Ensaio de um arquitecto*, pp. 109-110.

² É no terceiro quartel do século XIX que surge este tipo de aplicação azulejar - cf. MECO, José - *Azulejos de Lisboa*. In *Exposição Azulejos de Lisboa*, p. 69.

³ Cf. *Idem* - *Ibidem*, p. 69.

⁴ MECO, José - *Azulejaria Portuguesa*, p. 79.

⁵ Sobre este pintor de azulejos vd. SAPORITTI, Teresa - *Azulejaria de Luís Ferreira - o "Ferreira das Tabuletas", um pintor de Lisboa*. Lisboa: ed. de autor, 1993.

consideradas as primeiras utilizações deste material de revestimento para fins publicitários. Numa linguagem ecléctica e carregada de apontamentos anedóticos, este pintor ceramista elaborou, cerca de 1860, a frontaria da "CAZA DE COMMERCIO DE FAZENDAS DE LÃ, LINHO, ALGODÃO, E SEDA, NACIONAES E ESTRANGEIRAS, POR ATACADO E A RETALHO E UM VARIADO SORTIMENTO DE BIJOTERIAS E FATO FEITO", situada em Setúbal, e em 1865 decorou a fachada da loja da "FÁBRICA DE LOIÇA DE ANTONIO DA COSTA LAMEGO", em Lisboa. Desenvolveu a sua actividade nas fábricas Viúva Lamego e da Calçada do Monte.

Na capital, trabalharam também José da Silva (vulgarmente apelidado o "José da Pintura"), que executou cerca de 1871 o exterior da loja de cerâmica da "FABRICA DE LOUÇA / M. GOMES CORREIA"⁶, e Rafael Bordalo Pinheiro, que deixou o seu nome ligado aos painéis que revestem a frontaria da Tabacaria Mónaco (Rossio), um dos raros conjuntos pintados em azul e branco (1893-94).

O desenvolvimento económico e social que marcou a transição para o século XX conduziu à afirmação duma classe urbana de pequenos industriais e comerciantes, muito atenta aos novos gostos e modas da época. A estética Arte Nova vai servir os interesses desta burguesia, ao acompanhar a "renovação dos hábitos sociais e o desenvolvimento mundano e cosmopolita do início do século" que estiveram na origem do aparecimento das "lojas modernas"⁷. O gosto Arte Nova emprestou ao azulejo o colorido vibrante, a saturação dos ornatos e a sensualidade das formas, sendo que o recurso à azulejaria foi "o meio decorativo mais frequente para arte-novizar uma fachada por vezes incaracterística"⁸. Os estabelecimentos comerciais receberam letreiros e painéis figurativos e ornamentais que serviam para anunciar as próprias lojas e a especialidade dos produtos ou serviços aí vendidos. Era uma forma de atrair a atenção dos clientes, bem como um sinal de modernidade e, assim, animavam-se as frontarias, tirando partido das potencialidades plásticas do azulejo: a cor, a forma, a textura, o desenho, o brilho.

⁶ Este edifício, hoje inexistente, situava-se na Rua da Imprensa Nacional, em Lisboa. Os azulejos foram recuperados e encontram-se no Museu da Cidade – cf. MECO, José - Azulejos de Lisboa. In *Exposição Azulejos de Lisboa*, p. 70.

⁷ MECO, José – *Art. cit.*, p. 72.

⁸ RIO-CARVALHO, Manuel – *Arte Nova*. In *História da Arte em Portugal*. Vol. 11 (*Do Romantismo ao fim do século*). 2.^a ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 157.

As aplicações publicitárias surgem nas fachadas de edifícios dos mais variados tipos, desde os de concepção cuidada aos mais modestos⁹, numa combinação com revestimentos de padronagem ou lisos ou, então, contrastando com rebocos pintados. As imposições da moda ditada do estrangeiro, alguma vontade de ostentação e os benefícios do material em termos de limpeza e durabilidade podem ser apontadas como as principais razões que levaram à proliferação das aplicações azulejares nas frontarias dos estabelecimentos comerciais, tornando "as lojas mais personalizadas e os seus produtos mais apelativos"¹⁰.

Pelas vantagens higiénicas e de resistência que o azulejo oferece, aliadas ao relativo baixo custo, o seu uso na fachada é, por vezes, conjugado com o emprego nos interiores, principalmente nas lojas de alimentação¹¹, como padarias¹², talhos, peixarias, leitarias¹³ e mercearias¹⁴, que passaram a receber lambris ou revestimentos integrais decorados com motivos alusivos ao ramo de negócio da loja.

Dentro da linguagem Arte Nova destacou-se, em Lisboa, o pintor José António Jorge Pinto, que executou em 1908 a admirável composição figurativa, a azul e branco, da fachada da leitaria e pastelaria "A CAMPONEZA" (Rua dos Sapateiros).

No Porto, um dos *ex-líbris* comerciais é a mercearia "A PÉROLA DO BOLHÃO / CHÁ / CAFÉ" (Rua Formosa) que apresenta a sua frontaria revestida com belíssimos painéis figurativos, contendo a inscrição "Carvalhinho/Porto/1917"¹⁵. Nos exemplos citados, o azulejo surge como suporte de composições pictóricas que não se apresentam condicionadas

⁹ Cf. PINTO, Luís Fernandes – *Ob. cit.*, p. 119.

¹⁰ SOUTO, Maria Helena – 1901-1920 – Permanências e Modernidades na Azulejaria Portuguesa. In *O azulejo em Portugal no século XX*, p. 24, nota 20.

¹¹ Cf. LEMMEN, Hans Van - *Azulejos na arquitectura*, p. 113.

¹² Nas padarias foram muito utilizadas as produções relevadas com motivos de gafanhotos, borboletas ou espigas, de concepção Arte Nova realizadas por Rafael Bordalo Pinheiro, cerca de 1900, na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Veja-se, por exemplo, a Panificadora de Campo de Ourique, em Lisboa – cf. RIO-CARVALHO, Manuel – *Art. cit.*, p. 168; MECO, José – *Azulejaria Portuguesa*, pp. 82-83. Também foram utilizados revestimentos de características Arts Déco - cf. SAPORITI, Teresa - *Azulejos de Lisboa do século XX*, pp. 124-125.

¹³ Destaca-se o interior da Leitaria "A Camponeza", com painéis figurativos e frisos com motivos florais - cf. RIO-CARVALHO, Manuel – *Art. cit.*, p. 165.

¹⁴ Refira-se os magníficos painéis figurativos, em azul e branco, da "Pérola da Guiné" (Rua de Costa Cabral, Porto) que apresentam cenas relacionadas com a apanha do café e o ritual do chá. Foram pintados por Jeanette Cassaigne, na Fábrica do Carvalhinho. Uma análise iconográfica desta obra encontra-se em MARTINS, Fausto S. – *Azulejaria Portuense. História e Iconografia*, pp. 171-172.

¹⁵ Para uma leitura iconográfica desta fachada veja-se MARTINS, Fausto S. – *Ob. cit.*, p. 171.

pelo formato e dimensões do material, mas que se adaptam apenas aos limites da superfície que vão revestir.

A par da estética Arte Nova, podemos encontrar algumas produções de feição nacionalista e revivalista, como o painel neomanuelino do restaurante "LA GONDOLA" (Av. de Berna, Lisboa), da autoria de Maria de Portugal e executado na Fábrica Battistini (Fábrica Constância)¹⁶.

A azulejaria publicitária integrada nas fachadas dos edifícios constitui o veículo de divulgação de todo um conjunto de informações muito diversificadas. A solução mais simples é quando se indica apenas o nome da casa, como na "CASA FIRMINO"¹⁷ (Praça da República, Vila do Conde – Fig. 1) ou na "PADARIA INDEPENDENTE" (Rua de Adolfo Casais Monteiro, Porto – Fig. 2).

Noutras situações aparece o nome do proprietário: "LUIZ SOARES / GRANDE BAZAR DO PORTO" (Rua de Santa Catarina); a data da fundação da casa: "PADARIA AUXILIADORA / 1932" (Rua de S. Dinis, Porto – Fig. 3); ou os produtos aí existentes: "TABACOS / MERCEARIA / VINHOS"¹⁸ (numa mercearia em Aradas, Aveiro).

Os ramos de negócio são muito variados, abrangendo padarias, leitarias, cafés¹⁹, mercearias, restaurantes, lojas de fazendas, de louças, de balanças, de tintas, de artigos industriais, farmácias, papelarias, bazares. A título de exemplo, podemos referir a "PADARIA FLÔR DO PARAISO" (Rua do Paraíso, Porto), a "LEITARIA E MANTEIGARIA / A SALOIA" (Rua de São José, Lisboa), a "MERCEARIA COVILHANENSE" (Rua das Madres, Lisboa), o restaurante "ABADIA" (Rua do Atneu Comercial do Porto, Porto), a "ANTIGA LOUÇARIA REZENDE" e a casa "LUIZ TEIXEIRA DE QUEIROZ" (ambas na Rua da Assunção, Porto), a "PHARMACIA DUARTE FERREIRA" (Largo de D.^a Estefânia, Lisboa), a papelaria Araújo e Sobrinho (Largo de S. Domingos, Porto), o "BAZAR DOS TRÊS VINTENS"²⁰ (Rua de Cedofeita, Porto).

¹⁶ Cf. SAPORITI, Teresa – *Ob. cit.*, p. 20.

¹⁷ Este estabelecimento era uma mercearia que fazia venda por grosso.

¹⁸ Os painéis foram executados na Fábrica da Fonte Nova, Aveiro – cf. HENGL, Jacqueline; HUSTINX, Verónica - *Portugal. Painéis de azulejos no século XX*, p. 124.

¹⁹ O Museu da Cidade, em Lisboa, possui parte da decoração interior e exterior do destruído Café Royal, que se situava na esquina do Largo do Cais do Sodré com a Rua do Alecrim - cf. MECO, José - *Azulejos de Lisboa*. In *Exposição Azulejos de Lisboa*, p. 73.

²⁰ Este painel figurativo policromado merece uma referência particular por conter a representação do Pai Natal numa paisagem de neve; foi executado por Fernando Gonçalves na Fábrica do Carvalhinho.



Fig. 1 – Letreiro da antiga mercearia "Casa Firmino".
Praça da República, Vila do Conde.



Fig. 2 – Letreiro da "Padaria Independente".
Rua de Adolfo Casais Monteiro, Porto.



Fig. 3 – Frontão da "Padaria Auxiliadora".
Rua de S. Dinis, Porto.

Nas fachadas publicitárias a divulgação das especialidades das lojas é feita de variadas formas. O painel pode conter a indicação dos produtos existentes no estabelecimento: "CHÁ" e "CAFÉ" na casa "A PÉROLA DO BOLHÃO", "TABACOS, MERCEARIA E VINHOS" na loja de "ANTONIO NUNES D'ANNA" e "VIDROS DE NIVEL / MANGUEIRAS DE LONA / CORREIAS DE TODAS AS QUALIDADES" e outros artigos industriais no estabelecimento de "J. VILLANOVA C."²¹ (Rua da Boa Vista, Lisboa).

Situações há em que o letrismo se concilia e valoriza com a representação dos próprios produtos: garrafas, pipas de vinho e latas de bolachas e biscoitos, na mercearia de Aradas e nos painéis retirados do antigo "ARMAZEM DE RETEM / VENDAS POR GROSSO / VINHOS DE MESA / DEPOSITO DE AZEITE"²²; latas, frascos e pincéis num dos painéis de uma antiga loja de tintas e pincéis²³ (Largo do Corpo Santo, Lisboa).

No painel da antiga casa de produtos eléctricos "GOMES FERREIRA E C."²⁴ uma figura feminina segura na mão uma lâmpada, numa requintada composição Arte Nova.

Numa das instalações da "SERRALHERIA PROGRESSO / DE MANOEL FRANCISCO DA SILVA" (Rua n.º 8, Espinho - Fig. 4), para além do anúncio às "FERRAGENS, TINTAS E MOVEIS DE FERRO", apresentam-se variados modelos do mobiliário e peças aí fabricadas²⁵.

A "ANTIGA LOUÇARIA REZENDE" (Rua da Assunção, Porto) apresenta, num discreto desenho, a representação de peças de cerâmica de uso doméstico: um jarro e bacia, uma terrina, um prato e uma molheira.

Na fachada da "CASA DOS PARAFUSOS" (Largo do Conde Barão, Lisboa) são os próprios parafusos e porcas que formam as letras, numa composição Arts Déco sobre fundo amarelo vivo.

Outras soluções materializam-se nos painéis, de tratamento naturalista, com representação de cenas alusivas aos produtos que a loja comercializa: a ceifa do trigo, presente na padaria "FLOR AVEIRENSE", em Cascais,

²¹ Cf. VELOSO, J. M. Barros; ALMASQUÉ, Isabel - *O Azulejo Português e a Arte Nova*, p. 102.

²² Antiga Mercearia Albino Miranda. Situava-se na Av. Santa Joana, em Aveiro e foi demolida em 1998. Os painéis policromados em tons de azul, verde e amarelo, foram produzidos na Fábrica Fonte Nova - cf. *Paredes Coloridas*, p. 132.

²³ Painéis da autoria de António Luís de Jesus, que foi também proprietário da Fábrica de Campolide - cf. HENGL, Jacqueline; HUSTINX, Veronica - *Ob. cit.*, p. 116.

²⁴ Este estabelecimento situava-se na Rua Áurea, em Lisboa. O painel é da autoria de Júlio César da Silva e encontra-se no Museu da Cidade - cf. MECO, José - *Azulejos de Lisboa*. In *Exposição Azulejos de Lisboa*, p. 73.

²⁵ Este revestimento está assinado por Licínio Pinto e datado de 1918.

ou a ordenha das vacas, representada na leitaria²⁶ do Largo da Anunciada, em Lisboa.

Para além das lojas, os letreiros e painéis em azulejo foram muito utilizados nas fachadas das próprias fábricas que se dedicavam à produção cerâmica, tal como faziam as suas congéneres estrangeiras, da Inglaterra e França²⁷.

O exemplo mais espectacular é, sem dúvida, a frontaria da "FÁBRICA DE LOIÇA DE ANTONIO DA COSTA LAMEGO", cujo revestimento preenche por completo todo o espaço disponível do paramento, destacando-se os painéis figurativos intercalados entre os vãos do rés-do-chão, onde a ladear a entrada surgem as figuras alegóricas ao *Comércio* e à *Indústria*; no frontão, ano de 1865 esclarece quanto à data de produção (Largo do Intendente, Lisboa).

Em Sacavém, nas instalações da "FABRICA DE LOIÇA / SACAVEM / FUNDADA EM 1850" o painel, de fundo amarelo e letrismo azul com ornamentos vegetalistas envolvidos por elegante cercadura, aparece no muro, junto ao portão de entrada.

Nos edifícios fabris era vulgar a utilização de letreiros de concepção simples, sem recurso a ornamentação, como no painel que identificava a "FÁBRICA ALELUIA / AZULEJOS"²⁸, onde o negro dos caracteres contrastava com o amarelo-forte dos azulejos lisos que formavam o fundo. Também na "FÁBRICA DE LOUÇAS MASSARELOS, L.DA / FUNDADA EM 1738"²⁹ a inscrição a preto sobressaía do fundo branco liso.

No painel que identifica a "CERÂMICA VIEIRA / FUNDADA EM 1862 / POR BERNARDINO DA SILVA" (Ponta Delgada) o azul das letras, ornatos e cercadura destaca-se do fundo branco; este quadro é acompanhado por um mostruário dos padrões e registos produzidos na fábrica, tudo colocado a ladear o portão de acesso às instalações.

Como complemento dos letreiros identificativos da empresa surgem, por vezes, painéis com figuração alusiva à respectiva actividade industrial, como no antigo edifício da "COMPANHIA DAS FABRICAS CERAMICA LUSITANIA"³⁰.

²⁶ Painéis executados por António Costa, na Fábrica Lusitânia – cf. HENGL, Jacqueline; HUSTINX, Veronica – *Ob. cit.*, p. 119.

²⁷ Cf. LEMMEN, Hans Van - *Ob. cit.*, pp. 118 e 127.

²⁸ A antiga Fábrica Aleluia situava-se na Rua 5 de Outubro, em Aveiro, e foi demolida em 1986.

²⁹ Letreiro que estava integrado na frontaria do edifício da unidade de Quebrantões Norte, onde ficou registada a data tradicional de 1738 e não o ano de 1763 - cf. AAVV - *Fábrica de Louça de Massarelos. 1763-1936*, p. 35.

³⁰ Situava-se na Rua do Arco Cego, em Lisboa e foi demolido em 1988. Os azulejos da fachada foram executados na própria fábrica, cerca de 1910 - cf. SAPORITI, Teresa - *Azulejos de Lisboa do século XX*, pp. 126-127.



Fig. 4 – Revestimento da fachada posterior da Serralharia Progresso.
Rua n.º 8, Espinho.



Fig. 5 – Fachada do "Deposito de sola e cabedades".
Rua do Ateneu Comercial do Porto, Porto.



Fig. 6 – Antigo "Teatro Club" de Esposende.
Largo Rodrigues de Faria, Esposende.

Estabelecimentos fabris de diversos ramos serviram-se também do azulejo para fazerem a identificação e publicidade das suas instalações. Encontramos esta situação na "CORDOARIA VIOLAS" (em Cortegaça), na "FÁBRICA DO BONFIM / MANOEL PINTO D'AZEVEDO" (Rua do Bonfim, Porto), na firma "MARACUJÁ DO EZEQUIEL / FUNDADA EM 1936" (Ribeira Grande, S. Miguel), na "SOCIEDADE ARTÍSTICA / MANUFACTURAS DE BORRACHA, LIMITADA" e na empresa "A VALENCIANA / FÁBRICA DE CHOCOLATES E TORREFACÇÃO"³¹ (ambos os edifícios na Av. Dr. Tito Fontes, em Valença).

Na maioria dos casos trata-se de painéis muito simples, onde o letrismo sobressai dos fundos lisos, normalmente formados por azulejos brancos ou de colorido muito intenso, como o amarelo-vivo do referido painel da "Sociedade Artística" .

Os armazéns, oficinas e garagens recorreram igualmente à azulejaria para a realização de letreiros identificativos e publicitários aplicados nas suas frontarias.

A fachada do "DEPOSITO DE SOLA E CABEDAES / ADRIANO VIEIRA DA SILVA LIMA E C.^ª" (Rua do Atneu Comercial do Porto – Fig. 5) resultou num conjunto muito coerente, pautado pela articulação da arquitectura com o azulejo, ferro e vidro; o letrismo está envolvido por apontamentos florais e enrolamentos de carácter revivalista, pintados a amarelo-forte que se destacam dos fundos preenchidos a azul e a branco.

No armazém de "FERRO E AÇO / ANTONIO AUGUSTO DA SILVA & C.^ª / ARMAZENS DE RETEM" (Rua do Almada, Porto), os caracteres pintados a preto contrastam com o tom amarelo selecionado para o fundo, numa composição gráfica onde a ornamentação está ausente.

A Garagem "AUTO-PALACE" (Rua Alexandre Herculano, Lisboa), datada de 1906³², ostenta uma grande aplicação azulejar com formulário ornamental Arte Nova.

Na Metalúrgica Landolt (Av. de Camilo, Porto) o revestimento que remata o edifício contém motivos alusivos à actividade industrial aí desenvolvida, mas não foi utilizado qualquer grafismo para identificação da firma.

Outros edifícios públicos afectos a um uso muito diversificado e que necessitavam de ser facilmente identificados recorreram aos letreiros em

³¹ Painel executado na Fábrica Aleluia – cf. FERNANDES, Francisco José. C. – *O azulejo. Um olhar no Alto Minho e Baixo Minho litoral*, p. 104.

³² Cf. VELOSO, J. M. Barros; ALMASQUÉ, Isabel - *O Azulejo Português e a Arte Nova*, p. 100.

azulejo como forma de se valorizarem e afirmarem na malha urbana. Em Esposende, no antigo "TEATRO CLUB" (actual Museu Municipal – Fig. 6), projectado pelo arquitecto Ventura Terra, o painel integra-se de forma harmoniosa na composição geral da frontaria e a presença do azulejo contribui de forma decisiva para a animação da mesma; as letras estão envolvidas por enrolamentos de folhagem e diversificados elementos florais.

São ainda os enrolamentos, de desenho rebuscado, que decoram a cartela com a inscrição "ALBERGUES NOTURNOS DO PORTO" (Rua dos Mártires da Liberdade – Fig. 7), numa solução de grande impacto decorativo.

No edifício da "COMPANHIA UNIÃO DE CRÉDITO POPULAR, S.A.R.L. / FUNDADA EM 1875" (Praça de Carlos Alberto, Porto – Fig. 8) os azulejos preenchem o tímpano do frontão curvo que encima os vãos do 1.º andar, recorrendo a caracteres de grafia simples conjugados com discretos elementos florais e enrolamentos, vocabulário decorativo muito utilizado pela Fábrica do Carvalhinho.

O frontão triangular da "SOCIEDADE INSTRUÇÃO E BENEFICENCIA JOSÉ ESTEVÃO" (Alameda das Linhas de Torres, Lisboa) recebeu uma aplicação azulejar com grafismo mais elaborado e com motivos decorativos Arte Nova.

Podemos perceber que no conjunto da azulejaria aplicada nas fachadas dos edifícios a solução tipológica mais simples é aquela que utiliza um letreiro, cujo grafismo pode ser mais ou menos elaborado, mas predominando os caracteres de desenho simples, de linhas rectas, de modo a proporcionarem uma fácil leitura. Como forma de enriquecimento, a inscrição aparece envolvida por ornatos simples ou mais complexos, desde motivos geométricos e florais a enrolamentos vegetalistas. Por vezes, o letrismo é enquadrado por um friso ou guarnição ou então está contido numa cartela, tal como nos "ALBERGUES NOTURNOS DO PORTO" (Fig. 7) e no "DEPOSITO DE SOLA E CABEDAES" (Fig. 5).

Na "NOVA PADARIA TABOENSE" (Praça da República, Caldas da Rainha) cada letra, de desenho relevado com influências Arte Nova, ocupa a totalidade de um azulejo; o fundo é composto por azulejos verde-escuro, com reflexos irisados, sobre os quais de destacam as letras cor-de-mel; nesta produção de Rafael Bordalo Pinheiro³³ não há utilização de qualquer elemento decorativo.

³³ Cf. GOUVEIA, Margarida – *Paredes de louça - Azulejos de fachada das Caldas da Rainha*, p. 36.



Fig. 7 – Letreiro que identifica os "Albergues Noturnos".
Rua dos Mártires da Liberdade, Porto.



Fig. 8 – Frontão da "Companhia de Crédito Popular".
Praça de Carlos Alberto, Porto.



Fig. 9 – Letreiro da Padaria "Três Estrelas".
Rua de Elias Garcia, Póvoa de Varzim.

Na "PADARIA INDEPENDENTE" (Fig. 2), a designação do estabelecimento forma um grande letreiro, que se estende por duas fachadas contíguas, sendo as letras pintadas a azul sobre fundo branco e envolvidas por uma cercadura em tons azuis.

O frontão da "PADARIA / AUXILIADORA / 1932" (Fig. 3) é preenchido com uma cercadura formada por elementos florais e geométricos, no interior da qual surgem as letras azuis sobre fundo branco³⁴.

Os azulejos da "PADARIA TRÊS ESTRELAS" (Rua de Elias Garcia, Póvoa de Varzim – Fig. 9), de grafismo e cores idênticos ao exemplo anterior, apresentam, para complemento do nome, três estrelas em madeira.

Na antiga "CASA FIRMINO" (Fig. 1) o letreiro que decora a cimalha combina com o revestimento de padronagem que adorna a totalidade da frontaria. Os caracteres, de grafismo simples e elegante, estão ladeados por grinaldas de flores e laçarias.

Contrastando com estas aplicações mais singelas, noutros estabelecimentos comerciais são empregues painéis de composição elaborada que incluem figurações e grande profusão de ornatos. A exuberância decorativa caracteriza estes revestimentos de azulejo que cobrem grande parte das fachadas ou mesmo a sua totalidade.

Esta situação é observável na Papelaria Araújo e Sobrinho³⁵, cujo revestimento abrange dois pisos; sobre o fundo branco, surge a pintura em tons de azul que, entre outros elementos, apresenta motivos alusivos ao material vendido na loja (paleta e pincéis, compasso e réguas) e o monograma "ASS" (Araújo e Sobrinho, Sucessores).

Bastante interessante é a fachada da Fábrica Progresso (Fig. 4) ao apresentar toda a superfície, ao nível dos dois primeiros pisos, preenchida com painéis azuis e brancos que funcionam como uma espécie de mostruário da fábrica.

Na mercearia de "ANTONIO NUNES D'ANNA" toda a frontaria é revestida com azulejos de inspiração Arte Nova, também numa pintura feita em azul, conjugando-se o letrismo com a representação das mercadorias e variada ornamentação.

Na "CAZA DE NOVIDADES / LUIZ SOARES / GRANDE BAZAR DO PORTO"³⁶ os azulejos ocupam todo o (pouco) espaço disponível entre os vãos, constituindo um destacado painel com a representação de crianças

³⁴ Produção da Fábrica Cerâmica Lusitânia.

³⁵ Azulejos feitos na Fábrica do Carvalhinho, em 1906, com desenho de Silvestre Silvestri e pintura de Carlos Branco.

³⁶ Composição executada na Fábrica do Carvalhinho.

a brincar, motivos decorativos, formados por laçarias e flores, e letrismo que se desenvolve em friso horizontal entre o segundo e terceiro pisos.

Muita desta produção publicitária destaca-se pelo seu acentuado impacto ornamental, belos enquadramentos e grafismos, exuberância cromática e variedade de motivos ornamentais, oscilando entre o carácter ecléctico das peças de inícios do século, a Arte Nova e o geometrismo que caracteriza a estética Arts Déco. A gramática decorativa recorre às folhas de acanto, volutas, enrolamentos de folhagens, concheados, grinaldas, laçarias, flores, espigas, motivos geométricos. Exemplos há em que as figuras e ornatos permitem o emergir do reticulado formado pela junção dos azulejos, numa íntima relação da composição com o ritmo imposto pela forma e características do suporte.

Podemos afirmar que estamos, não raras vezes, na presença de um elemento indispensável para a individualização da arquitectura que o recebe, muito embora, na maioria dos casos, a presença da aplicação azulejar não seja suficiente para caracterizar um edifício como azulejado, mas contribua de forma decisiva para a animação da fachada e, conseqüentemente, do espaço urbano.

Para além das aplicações integradas nos estabelecimentos comerciais, que tantas vezes compensam e secundarizam alguma pobreza da própria arquitectura, o azulejo também serviu de suporte para a criação de anúncios cujo conteúdo não se relaciona de forma directa com a função do edifício onde estão colocados. São painéis que publicitam marcas de produtos à venda no mercado. Trata-se, normalmente, de aplicações azulejares que são independentes da parede onde são aplicadas e, por isso, não revelam quaisquer preocupações de integração na arquitectura.

No painel de grandes dimensões da "MABOR GENERAL" (Vila Real – Fig. 10) a mensagem é sintética, a paleta cromática reduzida e os elementos decorativos inexistentes. Contrastando com os azulejos brancos que forram o fundo, as duas palavras pretas que compõem o nome da marca são envolvidas por um grande "G" definido em vermelho, resultando uma composição de grande impacto visual, que pressupõe que o espectador saiba relacionar a marca com o respectivo produto, neste caso os pneus, ao qual não é feita qualquer alusão.

Solução diferente é a adoptada por outra marca que comercializa o mesmo produto. Trata-se de uma enorme aplicação rectangular, de fundo amarelo-vivo, sobre o qual surge a mensagem "SEGURANÇA DESPORTIVA / PNEUS / GOOD YEAR", complementada com a representação muito pormenorizada de um pneu (Via Panorâmica, Porto).



Fig. 10 – Anúncio, de grandes dimensões, alusivo aos pneus "Mabor General".
Vila Real.



Fig. 11 – Painel publicitário às Máquinas de costura "Oliva".
Praça de Almeida Garrett, Porto



Fig. 12 – Anúncio das "Bolachas Nacional".
Coimbra.

O amarelo-forte foi também a cor seleccionada para predominar no anúncio da "OLIVA / MÁQUINAS DE COSTURA DE PORTUGAL" (Rua de Mouzinho da Silveira, Porto – Fig. 11). O letrismo é aqui acompanhado pela representação de figuras femininas que envergam trajes de diferentes regiões do país, numa profusão de cores. Completa a composição o símbolo da marca - uma máquina de costura - conjugado com o nome.

A mensagem de cunho nacionalista "BOLACHAS NACIONAL / A GRANDE MARCA PORTUGUESA" (Coimbra – Fig. 12) é valorizada pela presença, no centro da composição, de uma caixa com bolachas. Os valores da profundidade são acentuados pelo fundo negro da parte superior do quadro, bem como pela sombra dos caracteres colocados sobre o branco da parte inferior, onde se pode ler a inscrição "Fábrica Aleluia – Aveiro". O painel é delimitado por um friso formado por motivos geométricos.

Os anúncios às "ÁGUAS / MINERO-MEDICINAIS / E DE MESA / CARVALHELHOS" (Figueira da Foz – Fig. 13), encontram-se aplicados sob duas das montras de uma mercearia. Mais uma vez, o fundo surge em amarelo; o letrismo recorre a diferentes grafias, sendo ainda distintas as soluções usadas no tratamento da figuração. É uma produção da Fábrica Aleluia.

A marca Vidago-Salus (Barcelinhos, Barcelos) optou por uma solução distinta, sem representação figurativa e servindo-se de uma paleta que se limita ao verde, vermelho e negro aplicados sobre os azulejos brancos que constituem o fundo. Nesta peça valoriza-se a mensagem escrita: "BEBA / ÁGUAS GASOSAS NATURAIS / VIDAGO SALUS / A FRESCURA DO NOSSO TEMPO", reforçada pela respectiva tradução para inglês. A marca (S estilizado) que acompanha a identificação "Sacavém" foi utilizada pela fábrica entre 1970 e 1972³⁷.

No painel, de concepção modernista, "ADUBAI / COM / NITRATO DO CHILE" (Aver-o-Mar, Póvoa de Varzim; Belinho, Esposende – Fig. 14) a parte superior da figura negra e plana de um cavaleiro e respectivo cavalo contrasta com o fundo amarelo, enquanto a parte inferior se confunde com o próprio fundo preto. A colocação dos caracteres brancos estabelece o equilíbrio da composição.

A Fábrica de Sacavém divulgou um anúncio com a representação de motivos alusivos à sua produção – um bule, uma chávena e uma jarra – acompanhados da sugestiva mensagem "SACAVÉM / É OUTRA LOIÇA..." (Madalena, Ilha do Pico - Fig. 15).

³⁷ Cf. ASSUNÇÃO, Ana Paula – *Fábrica de Louça de Sacavém*, p. 143.



Fig. 13 – Anúncio às "Águas Carvalhelhos", colocado numa mercearia.
Figueira da Foz.



Fig. 14 – Publicidade aos Adubos "Nitrate do Chile" colocado à face de uma estrada.
Belinho, Esposende.

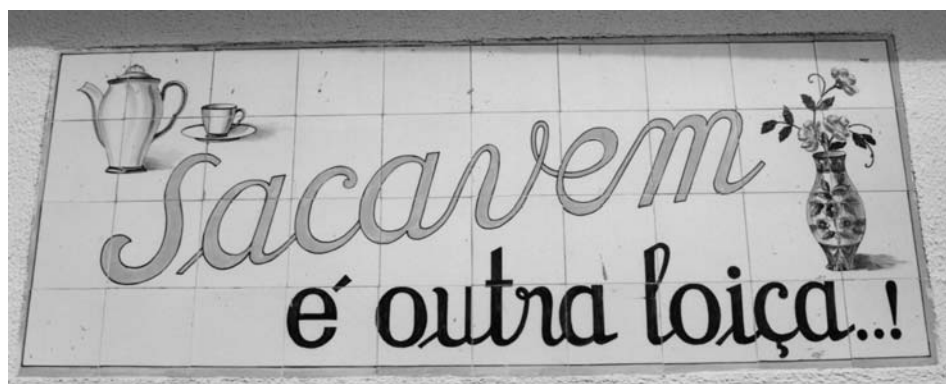


Fig. 15 – Anúncio à loiça da Fábrica de Sacavém.
Madalena, Ilha do Pico.

Servindo propósitos de promoção turística, à entrada de Vila do Conde existe um grande painel informativo, realizado na Fábrica Aleluia, onde se pode ler "VISITE EM VILA DO CONDE". O aqueduto aparece como elemento estruturante da composição, sendo preenchido com imagens dos monumentos e locais mais representativos do concelho, acompanhados das respectivas legendas³⁸.

Estes anúncios com fins publicitários e informativos situam-se normalmente à margem das estradas ou em pontos elevados e de boa visibilidade dentro da malha urbana, captando a atenção do transeunte através do recurso a composições simples, com cores fortes e um letrismo de fácil leitura. São aplicações azulejares que não estabelecem qualquer diálogo com a arquitectura que lhes serve de suporte, funcionando apenas como um elemento adossado à superfície, e desta completamente independente.

Aplicados por todo o território nacional, os anúncios e os painéis que decoram as fachadas das lojas foram produzidos essencialmente nas fábricas do Carvalhinho e das Devezas, no Porto, Fonte Nova e Aleluia, em Aveiro, Constância, Lusitânia, Campolide e Sacavém, em Lisboa³⁹.

Ao reflectirmos um pouco sobre o papel que coube ao azulejo ao longo da história da arte portuguesa, atendendo no caso presente à função publicitária, podemos confirmar que este material foi, sem dúvida, uma das modalidades mais originais da nossa decoração. Ainda na actualidade se recorre à azulejaria para a realização de anúncios e painéis publicitários, de concepção diversificada, como podemos ver na fachada da "ANTIGA CASA MAGALHÃES", em Ponte de Lima, ou no anúncio à "GINGINHA NATURAL / NETO COSTA" (Angra do Heroísmo).

Não podemos deixar de alertar para o facto de as produções publicitárias serem consideradas ainda numa vertente exclusivamente utilitária, pelo que são, sem qualquer critério, destruídas ou substituídas por outras soluções mais modernas.

Pela sua grande beleza, diversidade e originalidade entre um carácter mais erudito ou um sabor pitoresco, estes azulejos impõem-se como pequenos detalhes, apontamentos preciosos, que cativam e deliciam o nosso olhar e embelezam o espaço público, constituindo um riquíssimo património que merece uma atenção especial na sua defesa e conservação.

³⁸ Este painéis, da responsabilidade das Comissões Municipais de Turismo, existiam em diversas localidades do país. Na cidade de Aveiro havia dois exemplares, sendo um datado de 1952 – cf. *Paredes Coloridas*, pp. 142-143.

³⁹ Cf. MECO, José - *O azulejo em Portugal*, p. 176.

bibliografia

AAVV - *Azulejaria de Portalegre - Um olhar sobre a cidade*. Lisboa: Colibri, 1998.

AAVV - *Fábrica de Louça de Massarelos. 1763-1936* (Catálogo). Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 1998.

AAVV - *O azulejo em Portugal no século XX* (Catálogo). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Edições Inapa, 2000.

ASSUNÇÃO, Ana Paula - *Fábrica de Louça de Sacavém*. Lisboa: Edições Inapa, 1997.

FERNANDES, Francisco José. C. - *O azulejo. Um olhar no Alto Minho e Baixo Minho litoral*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 2000.

GOUVEIA, Margarida - *Paredes de louça - Azulejos de fachada das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Património Histórico-Grupo de Estudos, 1993.

HENGL, Jacqueline; HUSTINX, Veronica - *Portugal. Painéis de azulejos no século XX*. Lisboa: Caixa Geral de Depósitos, 1987.

LEMMEN, Hans Van - *Azulejos na arquitectura*. Lisboa: Caminho, 1994

MARQUES, Maria Augusta; COSTA, Manuela Pinto da - *Faiança de revestimento e de decoração na arquitectura do Porto e Gaia*. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001. pp. 243-291.

MARTINS, Fausto S. - *Azulejaria Portuense. História e Iconografia*. Lisboa: Edições Inapa, 2001.

MECO, José - *Azulejos de Lisboa*. In *Exposição Azulejos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Museu da Cidade, 1984.

- *Azulejos Portugueses*. In *Azulejos Portugueses - séculos XVII a XX* (Catálogo). Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros / Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

- *Azulejaria Portuguesa*. 3.^a edição, Lisboa: Bertrand, 1989.

- *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

Paredes coloridas. Prólogo de Paulo Henriques. Aveiro: Câmara Municipal, 2001.

PINTO, Luís Fernandes - *Azulejo e arquitectura. Ensaio de um arquitecto*. s/l, Getecno L.da, 1994.

SAPORITI, Teresa - *Azulejos de Lisboa do século XX*. Porto: Afrontamento, 1992.

TAVARES, Eva Jesuína - Os azulejos das fachadas de Abrantes. *Abrantes - Cadernos para a história do município*, n.º 1, Setembro de 1982, pp. 39-51.

VELOSO, J. M. Barros; ALMASQUÉ, Isabel - *Azulejaria de Exterior em Portugal*. Lisboa: Edições Inapa, 1991.

- *O Azulejo Português e a Arte Nova*. Lisboa: Edições Inapa, 2000.

Contributions towards the study of advertisements on tiles

Since the end of the nineteenth century, new needs have given rise to new applications of glazed tiles such as when these serve as posters and advertisements on the façade of buildings, businesses or on simple walls.

Advertisement panels on a shop may show its name, the identity of its owner or other information related to it such as the date of its foundation, the designation of the goods sold there or may even sometimes include illustrations allusive to its area of business. These panels, applied on façades, combine with plain or patterned revetments or contrast with painted plaster, frequently adorning bakeries, confectioneries, groceries, bazaars, draperies or "chemists". Some of these have a strong ornamental impact due to their beautiful framing and graphic design, chromatic exuberance and a variety of decorative motifs.

There are other cases in which these advertisements refer to products for sale on the market and are neither related to the function nor to the architecture of the building on which they stand. Good examples of these are the advertisements of "Mabor General" and "Good Year" tyres, "Oliva" sewing machines or "Nitrato do Chile" fertilisers.

